

GRANDES CAUSAS NO PEQUENO DE CADA DIA

NOS BAIRROS EM SITUAÇÃO CRÍTICA, A PARTIR DA OPÇÃO PELOS POBRES

FRANCISCO OLIVEIRA FUSTER

*Do Grupo de Padres na Opção pelos Pobres
Ilha Maciel, Buenos Aires, Argentina*

Sou sacerdote, e há mais de 30 anos vivo e trabalho em bairros em situação crítica, assentamentos e excluídos na Grande Buenos Aires. Tento fazer como nos manda a Teologia da Libertação: com os pobres e contra a pobreza injusta. Nesse caminhar sempre me guiou o querido bispo brasileiro Helder Câmara. Ele nos dizia que se ele dava pão a um pobre o chamavam santo, mas se perguntava por que não tinha pão, chamavam-no de comunista. Para mim, essas palavras resumem o andar das “Grandes Causas” no “pequeno de cada dia”.

O Papa Francisco também disse algo parecido aos movimentos populares em Roma, em 2016: “não deixem que os reduzam a meros administradores da miséria existente; entrem nas grandes ligas, na política, para transformar a realidade”.

Não podemos perder o objetivo final, as Grandes Causas – a Causa do Reino de Deus, o “outro mundo novo e possível”. Não haverá pobres (pois não haverá ricos). Viveremos sob a justiça, e não faremos o jogo dos exploradores; eles criam os pobres e nós cuidamos deles: nós os vestimos, nós lhes damos de comer...

Porém, se não perdermos o objetivo final, vamos perguntar, como Helder Câmara: nosso povo não tem pão e vamos denunciar. Há causas e existem nomes. Ao escrever este texto, na Argentina se chamam Macri e seu plano econômico. Geram cada vez mais concentração de riqueza. No Brasil se diz Temer. Assim, cada um identifica nomes e rostos de opressores na querida Pátria Grande latino-americana e no mundo.

E denunciar implica, além de dizer nomes e sobrenomes, organizar-se como comunidade cristã, frente aos atropelos: o nunca ultrapassado VER (ver

o que se passa, analisar a realidade - que muda todos os dias, de acordo com quem nos governa), JULGAR e AGIR.

Porém, não é suficiente que nos organizemos. Temos que trabalhar ao lado de outras organizações sociais e políticas, unidos na busca do “homem novo”, estruturas novas (temos muito a contribuir, com Jesus Libertador, nesse processo transformador).

E aqui não serve o purismo: o campo político implica esbarrar-se. Não há brancos e negros, há matizes, cinzas, como na vida nossa de cada dia, porém devemos estar presentes. Creio que é tão religioso abrir caminho como celebrar um batismo: nos dois casos, estamos defendendo e/ou reconhecendo a dignidade que temos como Filhos de Deus. Como dizia Evita Perón: “a religião deve levantar a cabeça dos seres humanos. Eu admiro a religião, que pode fazer você dizer a um humilde descamisado, diante de um imperador: eu sou o mesmo que você, somos filhos de Deus!”

Uma mobilização na rua é celebrar a Eucaristia de outra maneira. Com o Povo, em busca do pão partido e compartilhado. E se alguém olha com atenção, encontrará Jesus, o filho de Maria e de José, tocando tambor, comendo um sanduíche, cantando slogans. Ele nos disse: “quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles”. E não é “reunirmo-nos em seu nome” sair à rua pelo pão nosso de cada dia?!

Por outro lado – e é cada vez mais parecida com a minha experiência -, encontro-me com companheiros ateus, agnósticos, de outras confissões, que se aproximam e agradecem por estarmos ali. E outros

mais, no meio do povo, acompanhando, somando. “Não sou uma pessoa que crê, mas sinto-me refletida em vocês, me identifico com essa Igreja” (uma mulher me dizia, há uns dias, na mobilização contra o Fundo Monetário Internacional). Porém, não foram apenas palavras, mas principalmente o abraço sentido, emocionado, apertado, abraço que não era individual para mim, mas dirigido ao Grupo de Padres na Opção pelos Pobres, do qual faço parte.

E vão dizer que nos metemos em política. E vamos responder: “com toda honra”. E continuaremos a nos meter em política: “a maior Glória de Deus”. Pois “a Glória de Deus é que o pobre viva” (São Romero da América). E nos identificaremos – sempre críticos, mas nunca puristas – com os movimentos sociais e políticos que defendem com política concreta a vida do nosso povo.

Enquanto isso, chega o tempo da cooperativa, da horta agroecológica, dos microempreendimentos.

Entramos no simples de cada dia, fazer presença desse Deus que ama os pobres, que os abraça e pede que desçamos da Cruz os novos crucificados. Exatamente como Ele fez com Jesus, há mais de 2 mil anos. Trazer Boas Notícias aos pobres significa gestos e ações simples, mas concretos. Como disse meu afilhado à catequista, quando lhe ensinava o Pai-Nosso: ele queria o pão nosso de cada dia, mas com doce de leite. Ou como me dizia um grande padre: para estar ao lado dos pobres, algum dinheiro é preciso ter, porque não basta dizer-lhe ‘vá com Deus’. Ou como me dizia um militante social: se não houver terra, se não tivermos descido à terra, se não pisotearmos o barro, não vamos conhecer os problemas que a nossa gente vive. Ficaremos em lindos discursos, ou pior, pensando que mudamos a realidade reenviando whatsapps ou fazendo upload de coisas para o Facebook.

Muitas vezes vou para a cama e me pergunto: hoje, o que fiz o dia todo? Passou-se o dia e não consegui fazer o planejado. A realidade traz urgências. Parece que nada foi feito, ou pior, nada importante; o dia se foi ao mudar uma lâmpada

do salão de reuniões, escutar um vizinho que não consegue chegar ao fim do mês, levar uma cama com colchão para o velhinho do bairro, ou buscar alimentos que nos doaram para o refeitório. E o que escrevi no singular é melhor deixá-lo no plural, pois quem cozinha é a dona Maria; quem visitou o nu e com fome foi a Normita, e quem trouxe a doação foi o Luís. Coisas nada “importantes”, mas essenciais à vida dos pobres de cada dia.

Sei que não há apenas o que “fazer” – afinal, nem tudo pode ser medido pela eficiência, pelas “obras”; é preciso “saber ser presença”. E começa com a disponibilidade para permitir que a realidade mude nossos planos. Se temos muitos compromissos, com certeza não haverá lugar para a “viúva inoportuna” – como a do Evangelho –, que costuma chegar na hora mais improvável e com o problema mais complicado.

E significa ainda saber festejar a vida: sentar-se e comer e beber como fazia Jesus. Não apenas servir, mas ter amigos no bairro. Este é, sem dúvida, um grande critério, se nossa opção pelos pobres é algo mais do que um trabalho. Não quero “trabalhar para” os pobres, mas “trabalhar com” os pobres.

Quero que sejamos amigos e façamos juntos.

E ficar ao lado do pobre é ficar de joelhos, com todo o respeito do mundo. Deus os ama mais não porque são melhores, mas são pobres – ou seja, “empobrecidos”, fruto de um sistema de exclusão, com tudo o que isso significa.

Não pode acontecer que eu também, com a melhor das intenções, acabe excluindo-os porque não se encaixam como quero que sejam.

Grandes Causas no “pequeno” é acreditar que o futuro da humanidade não está apenas nas mãos dos grandes dirigentes, grandes potências e elites. “Mas fundamentalmente nas mãos do povo, em sua capacidade de se organizar, e nessas mãos que regam com humildade e convicção o processo de mudança no andar de cada dia” (Papa Francisco aos Movimentos Populares, Bolívia, 2015).